

# SÓ RISOS NA VIDA SALESIANA



Coleção *Vida Salesiana*

01



INSPETORIA SALESIANA DO NORDESTE DO BRASIL

Coleção *Vida Salesiana*

**SÓ RISOS  
NA VIDA SALESIANA**

**01**

RECIFE  
2017

**Título:** Só risos na vida salesiana  
**Coleção:** VIDA SALESIANA 1  
**Promoção e realização:** Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil  
**Coordenação:** Pe. José Pereira Lima Filho SDB  
Luiz Moura AFS  
**Colaboração:** Francisco Felipe Filho  
João Bosco Alves de Sousa  
Job Gonçalves  
José Paulino da Silva  
José Pereira Lima Filho  
Luiz Moura  
Paulo Dias  
Robério Moraes  
Sebastião Moreira  
Toninho Vieira  
Valdemar Pereira dos Santos SDB  
**Capa:** Jakeline Lira  
**Revisores:** Luiz Moura  
Pe. José Pereira Lima Filho  
**Editorial:** Pe. Raimundo Ricardo e Luiz Moura  
**Impressão:** FASA GRÁFICA  
**Contatos:** Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil – (81)2102-0800  
Luiz Moura – (81)9 9976-2816  
Pe. José Pereira – (81)3542-1320

# EDITORIAL

---

Caro amigo e amiga da família salesiana

Você está recebendo os fascículos da coleção VIDA SALESIANA. São cadernos que têm como objetivo cultivar, animar, alegrar o espírito de família segundo o coração de D. Bosco; serve também de apoio para o trabalho com grupos de jovens, professores e animadores dos oratórios.

A primeira remessa tem número limitado e é publicada como se estivesse em fase experimental e tem a mão de vários colaboradores; são 200 cópias de 3 cadernos bem distintos: 'Pedagogia do Pátio' para educadores e animadores de oratórios; 'Só risos na vida salesiana – fioretti' contam fatos engraçados envolvendo sobretudo os salesianos e 'Joaquim Izidro – paixão pelos oratórios' que conta a história simplificada de um cooperador salesiano apaixonado pelos oratórios

Se a proposta surtir efeito, as publicações vão continuar com outros focos e temas; é só aguardar.

Pe. Ricardo assim se expressou: apresentando esses cadernos:

'Parabéns a você Padre Pereira e a você Moura que, ligados em Dom Bosco, à sua Pedagogia e a iniciativas outras em torno sobretudo dos Oratórios, lutam pelos ideais da educação dos jovens tendo como modelo aquele que empolgou e conquistou o coração dos jovens, Dom Bosco: "Por vós estudo, por vós

trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida” (Const. 14).

Para vocês, queridos oratorianos e para vocês amigos dos Oratórios, também vocês que trabalham com os salesianos, como Animadores dos Oratórios, que conhecem, vivem e trabalham continuando a missão de Dom Bosco, servindo-se da Pedagogia do Pátio, dos Fioretti Salesianos e, sobretudo para vocês que conheceram o grande amigo e animador dos Oratórios em Juazeiro do Norte, **Joaquim Isidro, dedico estas linhas introdutórias e estimuladoras à leitura deste material tão rico e tão importante para a formação e missão de vocês entre os jovens.**

Dom Bosco lá do céu abençoe todos nós e para vocês alcance de Deus muitas e especiais graças a fim que continuem firmes e fortes na missão que receberam’.

Recife, 5 de fevereiro de 2017

# ÍNDICE

---

COMO FOI A CONFISSÃO DE DOM BOSCO?	7
MAIS VALE UM NOVIÇO QUE UMA JACA	8
A PRIMEIRA NOITE É COM O PADRE, PRÁ ABENÇOAR	9
CULPA E CASTIGO ABENÇOADO	10
É O PE. ELIAS DE ARACAJU	11
PE. ROGÉRIO (MG) E JOSÉ PEREIRA FILHO (NORDESTE)	12
MAMÃE! EU GOSTARIA TANTO QUE ESSE PADRE FOSSE MEU PAI	13
MIJOU NA CAMA DO PE. INSPETOR	14
PADRE JOSÉ FERREIRA	14
CATEQUISTA MANOEL BATISTA	15
SR. ROBÉRIO DE MORAES	16
O DIA 31 DE MAIO VAI SER NO DIA PRIMEIRO DE JUNHO	17
OS ASPIRANTES E AS VELHINHAS	19
PADRE NESTOR	20
PADRE ANTENOR E PADRE EDILSON	20
PE. FRANCISCO PINCOVISKY	21
PADRE JOSÉ ROLIM	22
PADRE ROLIM BOM DE BOLA	24

PADRE JOSÉ ROLIM E PADRE LEONARDO DONNO	26
PADRE LEONARDO DONNO	27
IRMÃO COADJUTOR JOSÉ OLIVEIRA PRIMO	28
PADRE MANOEL ALVES DOS SANTOS	29
DE NOVO PADRE MANOEL ALVES	30
ESSE PADRE TANTO CELEBRA QUANTO JOGA	31
PADRE ALFREDO TENÓRIO	32
O CAVALO ESTÁ MIJANDO NO PÓRTICO	34
AS BOAS DE PAULO DIAS (SALESIANO NO FINAL DA DÉCADA DE 60)	35
PADRE ARISTIDES E PADRE ÉMERSON	37
PADRE GUIDO TONELOTTO E O 'QUEIJO PODRE'	38
PEDRO LAPO	39
NOSSA SENHORA SUBIU OU NÃO AOS CÉUS?	41
EU DURMO COM VALDEMAR	44
AS ESQUETES DO JOB I	45
AS ESQUETES DO JOB II	47



## COMO FOI A CONFISSÃO DE DOM BOSCO?

Assim conta o Confessor de Dom Bosco.

“Eu tinha apenas 24 anos e, entre inúmeros obstáculos e fadigas, procurava levar à frente a Obra Salesiana de La Spezia, quando, um dia chegou Dom Bosco. Viajava a Roma, mas quisera parar um pouco entre nós. Depois de saudar os salesianos, entramos juntos no escritório. O bom pai pega uma cadeira e me diz: “Ângelo senta. Sentei-me. E agora, disse Dom Bosco, ajoelhando no chão, ouça minha confissão. Fiquei perplexo; sentia-me jovem demais e sem experiência. E Dom Bosco era Dom Bosco.

Olhe, Dom Bosco, espere um instante. Vou chamar logo o “Penitenciário Mor”, que mora aqui perto, e o senhor poderá confessar-se comodamente. Não, não, respondeu prontamente. É o meu dia e quero confessar-me com um Salesiano.

Tive que render-me; conclui o P. Ângelo Rocca, que lembrará por toda a vida o inesquecível episódio de ter confessado Dom Bosco.

Mas, e como se confessou Dom Bosco? Lhe perguntavam alguma vez os salesianos com uma ponta de humor malicioso?

“Como um bom Salesiano”.

(Texto extraído da Revista Centenário em Foco de 1983)

## MAIS VALE UM NOVIÇO QUE UMA JACA

Pereira Filho sempre foi um rapaz zeloso, já como aspirante e ainda mais como noviço. Durante o noviciado resolvera ser um imitador impoluto dos heróis da literatura salesiana, da qual era bravo conhecedor, queria imitá-los, não só de palavras mas, de fato.

Corriam céleres os primeiros meses daquele ano de 1965, na paz do noviciado de Jaboaão. O Pereira entre outros propósitos, praticava aquele de inspiração evangélica: “Colligite fragmenta ne pereant” (Recolhei o resto para que não se perca) (Jo 6,12). Sensível àquele imperativo do Mestre, ele dava o exemplo, não deixando nada se perder. Até mesmo os restos de carne, macarrão ou pedaços de frutas, que por acaso algum colega deixava no prato, nosso amigo Pereira consumia tudo, mesmo forçando a natureza...

Numa bela tarde, após um prolongado silêncio ocupado pelo estudo, eis a hora da merenda. Uma Jaca e nada mais... Metade daquela fruta era até demais para o pequeno grupo de noviços, que assim mesmo deu contas de um pouco mais de uma banda. O encarregado da merenda estava para jogar fora o “resto” que sobrara. Aí foi quando interrompeu o Pereira, com o seu refrão: “Não senhor, colligite fragmenta ne pereant...”. Dito ito foi comendo bago a bago até chegar ao fim.

No dia seguinte, à mesma hora, outra Jaca semelhante, ostentava seus deliciosos bagos cor de manteiga, desafiando o nosso Pereira. Também ali a metade ia sobrar, quando alguém confabulou: “Como é Pereira, você hoje não vai comer o resto da Jaca?” E o nosso “Herói” meio capiongo e pálido, esfregando as mãos pela barriga e franzindo a testa, relutou decisivo: “Não... é melhor perder uma Jaca do que um noviço”.

(Revista Centenário em Foco 1983 – texto do P. Valdemar Pereira dos Santos)

## A PRIMEIRA NOITE É COM O PADRE, PRÁ ABENÇOAR

Em Carpina trabalhei também ao lado de Pe. Américo de Vasconcelos, vice-diretor e encarregado dos aspirantes, conhecido por sua facilidade em contar piadas e por seu rigorismo sobretudo no campo da moral. Certa vez ele contou que antigamente entre alguns povos primitivos, quando havia um casamento quem ia a primeira noite com a noiva era o pai do noivo; para dar continuidade aos laços familiares; mas ele mesmo acrescentou: hoje quem deve ir a primeira noite com a noiva é o padre; para abençoar. Em nossa escola, havia uma professora, muito amiga creio que seu nome era Ana, que lecionava nas primeiras séries. Lembro que tinha vindo de Belém do Pará. Era uma pessoa que eu sempre costumava visitar. Em Juazeiro do Norte, sempre que se faz uma visita, ninguém sai sem tomar ao menos um cafezinho. Eu estranhava e reclamava que em Carpina não havia essa tradição. A reclamação valeu porque sempre que ia à casa de Ana, havia sempre um cafezinho. Ana era noiva de um jogador de futebol que defendia o Ferroviário de Recife e resolveu se casar. Como era minha amiga, resolveu me convidar para fazer seu casamento. Então contei para ela a estória de Pe. Américo: “a primeira noite é com o padre, para abençoar!” A reação dela, em tom de brincadeira, é claro, foi:

- Vou convidar o Pe. Mário para fazer o meu casamento, disse.

Pe. Mário era avançado em idade e andava com dificuldade por causa de um problema na perna.

Fiz o casamento de Ana, participei da festa, mas no momento não sei por onde anda o casal.

Luiz Moura – Do livro Aspirantado Salesiano: 50 anos

## CULPA E CASTIGO ABENÇOADO

Naquele tempo um clérigo, assistente no Ginásio Anchieta, em Silvânia, deu certa feita, como castigo a um aluno interno (cujo nome não se declara aqui, porque, quem escreve, não o sabe, mas o fato é real), mas deu, como castigo, copiar o Hino Nacional trinta vezes...

Foi duro, foi cruel, e o pobre do aluno gemeu, vários dias, copiando sem parar, até que ficou sabendo o Hino de cor.

Aconteceu, em futuro (que hoje, é passado), mas aconteceu que, no serviço militar, perante uma banca examinadora, um oficial, repentinamente, disse ao examinado (que era, nada mais nada menos, que o herói do castigo), mas disse-lhe: “Diga o Hino Nacional”.

“Ouviram do Ipiranga em margens plácidas...” (E foi até o fim sem gaguejar, sem errar, sem pestanejar). Ao terminar exclamou o oficial:

“Meus parabéns, meus efusivos parabéns, você é um patriota. E examinando, com seus botões, pensou: se não tivesse havido aquele castigo, eu não teria sabido, hoje, recitar assim o Hino Nacional”.

...”Há males que vêm para o bem”.

(Texto extraído da Revista Centenário em Foco 1983)

## É O PADRE ELIAS DE ARACAJU

Vivíamos um momento de muita ansiedade e expectativa em torno da inauguração do santuário. Um trabalho marcante do Padre Nestor (que Deus o tenha). Paralelo a esse grande acontecimento, no colégio havia por parte dos alunos uma certa temeridade em razão dos acontecimentos no bairro, por conta da turma de Cícero Negrinho (já falecido). Seu Robério, por sua vez, tomou algumas medidas junto aos cabras de Cícero Negrinho que freqüentavam o oratório e também assistiam aos jogos dos campeonatos internos do colégio. Nesse tempo, a maconha estava sendo inserida no meio da juventude e muitos não tinham forças suficientes para evitar a tentação. Qualquer pessoa que surgisse com o cabelo estilo *black-power* ou coisa parecida, roupa, gíria, etc, já era tido como um “coiseiro”, ou seja, maconheiro. Pois bem! É chegado o grande dia para a inauguração do Santuário. O colégio estava recebendo irmãos, sacerdotes salesianos, leigos, etc, de toda parte do Brasil. Eis que, salvo engano, em plena tarde de sexta-feira ou sábado, surge no corredor do colégio, próximo a cantina que ficava após a escada, aquele moreno de barba grande, cabelo *black-power* com uma mala na mão, quando de repente, Zé Abílio olhou para seu Robério e disparou:

– O senhor não disse que não queria maconheiro aqui no colégio ?

Seu Robério, com um sorriso um tanto maroto no rosto, de imediato rebateu:

– Menino, seu Abílio, cala a boca, aquele é o Padre Elias lá de Aracajú!

Aí a gargalhada tomou de conta de todos; num futuro bem próximo, Pe. Elias se tornou nosso diretor, um grande amigo e uma pessoa bastante querida, ainda hoje, por todos nós.

Toninho Vieira – Sitônio – Escola Salesiana: uma história viva na memória e no coração

## **PE. ROGÉRIO (MG) E JOSÉ PEREIRA FILHO (NORDESTE)**

Em 1967, em uma das reuniões da comunidade que costumava acontecer na sala de televisão, o coordenador João Bosco Teixeira pedia sugestões para a recepção ao Reitor mor dos salesianos (P. Luiz Ricceri) que visitava a Inspetoria e também a FDB que era também casa de formação dos clérigos. Na sala, a gente sentava em andaimes que mais parecia arquibancada de quadra de jogo. Entre as várias propostas, lembro da, de José Pereira Filho, nordestino, decano dos clérigos que saiu com essa: “Vamos escrever com letras bem grandes, na parte inclinada da lateral do campo de futebol que dá para a subida do sítio – FEDELTA’ -; Ao que Rogério cochichou no ouvido de alguém: “mas veja a proposta do rapaz para o reitor mor – FEDEU TÁ! A proposta não foi aceita. Lembro que cantamos a Banda de Chico Buarque de Holanda a 4 vezes com arranjos e regência de GêBê (Pe. Geraldo Batista)

Pe. Rogério Almeida (falecido) era sobrinho-neto de D. Antônio de Almeida Lustosa

Por Luiz Moura

## MAMÃE! EU GOSTARIA TANTO QUE ESSE PADRE FOSSE MEU PAI

Eu celebrava, na Igreja Matriz a missa de sábado à noite, que era uma missa de público numeroso. Dispensava a procissão de entrada e me paramentava no próprio altar diante do povo. Eu gostava de fazer assim. Também era somente túnica e estola; nunca usei casula; considerava algo medieval e anacrônico. Chegava mais cedo para conversar com o povo; cedo também chegavam duas crianças, irmãs de 8 e 9 anos aproximadamente: eram Carla e Andréa. Quando me viam corriam e faziam a maior festa. No momento do abraço da paz corriam para o altar, me cumprimentavam, abraçavam e beijavam; no final da celebração após depositar os paramentos sobre o altar, cada uma pegava em uma das mãos e saíamos desfilando pela nave central até o fim da Igreja, onde estava a mãe delas. O organista da celebração era sempre o Pe. Mário Daorizzi.

Certo dia após a missa já me encontrava no meio da nave central com as meninas quando escutei um barulho feio vindo do órgão; suspeitei que fosse Pe. Mário caindo. Puxei minhas mãos das mãos das meninas e corri em direção ao Pe. Mário e as meninas correram para onde estava a mãe. De lá onde estava auxiliando Pe. Mário escutei a mãe das meninas censurar em voz alta:

– Não fale isso! Não diga uma coisa dessa!

Fiquei curioso para saber o que a mãe estava falando para as filhas. Quando cheguei junto da mãe ela explicou:

– Veja o que essas meninas estão dizendo: Mamãe! Eu gostaria tanto que esse padre fosse o meu pai!

Eu confesso que fiquei sem saber o que dizer; fiquei calado diante da inocência e ingenuidade das crianças.

Luiz Moura – Do livro – Aspirantado Salesiano: 50 anos

## **MIJOU NA CAMA DO PE. INSPETOR**

Antigamente nas casas salesianas entre os vários quartos disponíveis existia um especial com banheiro e uma sala que servia para atendimento. Era um quarto reservado ao Pe. Inspetor. Nesse quarto ninguém se hospedava. Carpina também não era exceção por maior razão por ser uma casa de formação. As casas de formação eram mais freqüentadas pelo Inspetor que as demais. O problema é que a maior parte do ano o apartamento especial ficava ocioso.

Havia notícia de que antigos aspirantes voltavam ao aspirantado como visitantes e eram mal recebidos; não passavam da portaria; nessa época o quarto do Pe. Inspetor tornou-se uma ótima oportunidade para receber família de ex-aspirantes ou ex-salesianos. Afinal não ficava bem para uma mulher, andar pelos corredores, em busca dos banheiros comuns usados pelos demais salesianos.

A família de Francisco Felipe, vindo de Fortaleza, se hospedou no quarto do Inspetor e sua filha ainda pequena deu uma solene mijada na cama do Pe. Inspetor.

Luiz Moura – Do livro – Aspirantado Salesiano: 50 anos

## **PADRE JOSÉ FERREIRA**

Outro dia no almoço, P. Brenno comeu uma pinha e perguntou a P. Ferreira se as galinhas comem casca de pinha, P. Ferreira disse: Não. Aí P. Brenno perguntou: e porque elas não comem? P. Ferreira respondeu: Pergunte a elas. A risada foi geral.

Pe. José Pereira – Juazeiro do Norte



## CATEQUISTA MANOEL BATISTA

Quando trabalhava na paróquia D. Bosco, início da década de 80, o encarregado da catequese da Igreja D. Bosco era Manoel Batista.

Certa vez uma criança perguntou para ele:  
Seu Manoel o que é ‘irmão coadjutor’?  
Ao que ele respondeu  
Coadjutor é como um freira só que é homem

De outra vez perguntaram  
Seu Manoel, o que é diácono  
E respondeu:  
Diácono é aquele que prá padre só falta uma besteirinha de nada

Criatividade é o que não faltava em Manoel Batista; catequese requer muita criatividade

Por Luiz Moura

## SR. ROBÉRIO DE MORAES

Antes de iniciar as aulas de cada dia é costume salesiano fazer uma oração e dirigir uma palavra-mensagem que, em geral era feita pelo Pe. Diretor. Essa palavra-mensagem era chamada de “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite”, dependendo do momento. Os “bons dias” aconteciam na quadra de futebol de salão ou também no teatro. Quando chegou Sr. Robério Moraes para coordenar a escola, transferiu os bons dias ou boas tardes para o pórtico das salas de aula. Pôs uma tribuna bem a frente à secretaria – no centro do pórtico – e os alunos ficavam em fila de um lado e do outro do pórtico. Geralmente ficava Sr. Robério sozinho para dar conta da escola inteira.

Certo dia, Robério, de cima da tribuna, tentava controlar a indisciplina e conversa dos alunos. Olhava para um lado e para outro, e nada. A solução foi escolher uma vítima. Quem? Tiago Santana. Tiago estava bem perto da tribuna, conversando com Hugo Santana. Robério olhou para os dois e gritou para todos ouvirem:

– Parem de conversar!

O silêncio foi sepulcral. Não se ouvia nem respiração

De imediato, no meio do silêncio Tiago falou:

– Ele está me futucando!

Robério sem pensar disse:

– Você vai me ensinar a futucar na secretaria!

Os meninos, ainda crianças, começaram a chorar e foram parar na secretaria para ser advertidos e liberados a seguir.

Luiz Moura – Do livro: Salesiano: uma história viva na memória e no coração

## O DIA 31 DE MAIO VAI SER NO DIA 1º DE JUNHO

Durante minha permanência em Carpina cuidei de duas capelanias em tempos distintos: passei um tempo na capelania de Tracunhaém, uma cidade sem vigário entre Carpina e Nazaré da Mata; posteriormente na capelania de Santo Antônio em Carpina, na saída para Lagoa do Carro.

Em Tracunhaém, a Igreja não tinha vigário mas tinha uma freira da congregação das irmãs de Caridade; era a irmã Maria José que tinha status de vigária; eu era o capelão mas tinha que obedecer às suas ordens. Ela sempre me fazia duas recomendações:

“Padre! Não meta política no sermão!”

“Não faça os batizados sem usar a batina e a estola!”

Em Tracunhaém havia um salesiano recém-professo que me acompanhava nestas celebrações: era o irmão Nivaldo Buarque.

Posteriormente, com a chegada do Pe. Aristides, ele assumiu a capelania e eu fui dar assistência à capela de Santo Antônio em Carpina. Nesta capela havia duas figuras folclóricas que eram dois amores de pessoas: Seu Nestor, que fazia as vezes de sacristão, acólito e outras funções e D. Deda, que era a responsável e tinha mais poderes que o capelão; o padre só executava ordens.

Certa vez, próximo ao final do mês de maio, coroação de Nossa Senhora, num final de celebração da missa, após a comunhão, “seu Nestor” chega perto de mim e cochicha em meu ouvido:

“Padre! D. Deda mandou avisar que o dia 31 de maio vai ser no dia 1º de junho; é pro senhor avisar para o povo, viu!”

Na verdade ele queria dizer que a coroação de N.Senhora seria no dia 1º de junho.

A Capela era dedicada a Santo Antônio, cuja festa é celebrada no dia 13 de junho. Lembro-me que num dia da festa do padroeiro saímos em procissão pelas ruas do bairro onde só havia bêbados nas esquinas tomando mais uma e em certo momento, alguém gritou de longe:

“Olha! Lá vem chegando uma quadrilha” Era tempo de festas juninas

Luiz Moura – Do livro: Aspirantado Salesiano: uma história viva na memória e no coração

## OS ASPIRANTES E AS VELHINHAS

A vida salesiana é animada e repleta de alegria. Eu sempre tive tendência para o riso exagerado e sem controle e tive a sorte de trabalhar com um salesiano muito amigo mas que também tinha o mesmo defeito que eu: ria sem controle. Era o Pe. Aristides Jorge Pereira. Os aspirantes percebiam isso e buscavam ocasião para verem os dois padres em apuros, em risos descontrolados.

Certa vez, numa sessão litero-musical inventamos eu e Pe. Aristides de fazer um dueto, executando uma peça de Beethoven: eu no sax alto e Aristides na clarineta; tudo ia muito bem quando do sax escapou um famoso “piu”, que não era nota. Fiz de tudo para controlar o riso mas não consegui. Pe. Aristides ainda tentou tocar sozinho. Coitado! Também não consegui chegar até o fim. A peça ficou muito original porque não chegou ao fim.

Em outra ocasião a missa dos aspirantes foi celebrada no Juvenato Maria Auxiliadora, com a comunidade das irmãs e noviças. Foi celebrada por Pe. Aristides; eu deveria chegar depois, após um compromisso assumido antes. Bem próximo ao fim da celebração, toco a campainha. Pois bem! Só em pensar que era eu, Pe. Aristides entra em crise de riso sem controle; os aspirantes já sabiam de tudo. E as irmãs e noviças?

Diariamente a missa da comunidade era concelebrada por mim e Pe. Aristides e vez por outra batia a crise. Toda quinta feira, sistematicamente apareciam 03 velhinhas, cooperadoras ou melhor, benfeitoras. Elas eram sempre mais lentas do que os aspirantes em tudo. No momento da oração do Pai Nosso os aspirantes aceleravam de propósito, de tal forma que quando eles terminavam, elas ainda vinham pela metade. E tome riso! Aliás o riso já começava quando as velhinhas chegavam e os aspirantes já imaginavam o que aconteceria mais na frente.

Luiz Moura – do livro: Aspirantado Salesiano: 50 anos

## **PADRE NESTOR**

Era sexta-feira e a turma tinha arranjado uma bola e a gente continuava no colégio num racha bem disputado na quadra, em pleno sol de meio dia. De repente, numa dividida, um chute forte prá linha de lado, a bola caprichosamente vai em direção do portão ao lado do auditório quando surge o Padre Nestor e a bola lhe atinge bem no rosto, levando seus óculos ao chão. De repente, uma paralisação total dos atletas no meio da quadra; quando todos aguardavam uma atitude enérgica, eis que ele apanha seus óculos, pega a bola e nos devolve sem dar uma palavra. com essa atitude de Padre Nestor, resolvemos terminar a pelada e ir prá casa.

Toninho Vieira – Sitônio no livro: SALESIANO: uma história viva na memória e no coração

## **PADRE ANTENOR E PADRE EDILSON**

Certa vez Pe. Antenor, passeando pela cidade deu de cara com um carro que tinha a placa de Buenos Aires (PE); ele não teve dúvida danou-se a falar em castelhano com o pobre motorista que nada entendeu. Buenos Aires é uma pequena cidade cerca de 25 Km de Carpina.

Edilson Alexandrino era uma pessoa cheia de idéias mas, para os outros executarem; andava de bicicleta pelo meio da pista como se fosse um carro, enquanto eu pelo acostamento; Depois se deu conta que não poderia continuar assim se não quisesse sofrer um desastre fatal; parece que esse era o costume da cidade de Córdoba (Argentina) onde ele e Antenor fizeram teologia.

Luiz Moura – Do livro: Aspirando Salesiano: 50 anos

## PE. FRANCISCO PINCOVISKY

Essas veredas da memória! Já me vejo na fila do confessionário. O confessor mais disputado era o Padre Francisco. Figura emblemática do Salesiano de minha infância. Acreditávamos que ele era da primeira leva de salesianos, e que teria convivido com D. Bosco. Já o conheci ancião, e tinha a impressão que sempre fora ancião. Mesmo na idade avançada era um homem forte, batina preta puída, com cheiro de naftalina. Carregava sempre um pão no bolso para dar ao primeiro necessitado que aparecesse na sua frente. Tinha uma aura de santo. Além do que, tinha a grande vantagem de não escutar direito e de dormir no confessionário. As penitências dadas eram brandas, distribuídas na escala de uma, cinco, ou dez ave-marias, conforme o pecado não ouvido. Porém, tinha dias ou momentos que o Padre Francisco estava mais atento. E, com seu vozeirão e sotaque, gritava: Conte seus pecados, fale alto, fale alto!

Lembro... Aquela fila enorme e Evanildo balbuciando, baixinho e enrolado, os seus pecadilhos, para ficar ainda mais ininteligível aos ouvidos do padre. Mas a voz atrás do confessionário, naquele dia, foi imperiosa, era quase D. Bosco falando, menino, fale alto, fale alto!. Um constrangido e assustado Evanildo bradou dentro da igreja, até para a imagem de São Domingo Sávio ouvir: Eu hoje bati duas punhetas!!! Levou dez ave-marias e a fama de punheteiro.

João Bosco Alves – Do livro: SALESIANO: uma história viva na memória e no coração

## PADRE JOSÉ ROLIM

O exagero constituía um traço marcante do Padre José Rolim Rodrigues, craque de futebol, meu - e de quantos? – professor de Latim, Inglês e OSPB, disciplina imposta pela revolução de 1964, na quarta ginásial. Ele sabia todas as aulas de cor, e os sermões solenes também. Ensinando a matéria do governo revolucionário, ele valia-se do auxílio do Padre Aguinaldo, que vinha de ‘mestrado’ pela Itália, para entender bem e explicar-nos com precisão e clareza a diferença entre nação, estado e país, por exemplo. Como sei isso? Eu fui ‘secretário’ depois de Janilto Rodrigues de Andrade e, ao lado da secretaria, no corredor dos quartos dos salesianos, participava, calado, de conversa dos dois. Como secretário, trabalhava nas notas, nos horários ou nos boletins – lembram o quadro com o ‘cartão’ cada um, mês a mês? Não eram bimestrais as notas. Eram mensais. Pois bem, em uma aula de OSPB, cujo conteúdo Padre Rolim ditava, para depois explicar e discutir, falando de condições de trabalho da polícia, ele disse que os soldados do Piauí nem dispunham de botas; trabalhavam descalços. Ríamos da humilhação. Havia duas gramáticas de Ravizza – a antiga, pequena, velhinha, faltando algumas páginas, acabando-se, e a grande, o tijolão. Um dia, no primeiro ano, que usava a gramática latina velha, para explicar e declinar os neutros em AL-E-AR, disse: Quem tiver a página 28 do Ravizza, pode abrir. Segunda-feira, o café saía apenas depois da leitura de notas, de comportamento, lembrem. No seu timbre apocalíptico, Padre Rolim gritou: Por causa das conversas de vocês, qualquer dia desses, quando entrarem na capela, Domingos Sávio não estará mais no altar. Em 1965, Padre Rolim recebeu como obediência ser Conselheiro do turno da tarde em Recife. Acostumado com os ‘cordeiros’ de Carpina, enfrentou sérias dificuldades para enfileirar os externos em silêncio, antes do início das aulas, usando uma campainha. Depois de um ano na difícil tarefa, declarava, ‘se’ rindo (como falava o Padre Paixão): O badalo da campainha caía e os alunos não faziam silêncio. Das engraçadas do Padre Rolim, mais uma até hoje faz-me rir. Contava ele que em uma missa solene, não se dizia concelebração, o primeiro ‘concelebrante’



era o Diácono; o segundo era o Subdiácono. No dia, estavam Padre Antônio José, Padre Tiago Gallo e ele, reconhecidamente três desafinados. As entonações das missas solenes cantadas eram importantes, mas não decisivas, porque o harmonium corrigia o tom para a resposta, mas ele sapecou: no meio dos três, eu era um canário.

(Carpina cinqüentã: um lustro imorredouro – Francisco Felipe Filho, no livro 50 anos do ‘Aspirantado salesiano de Carpina’)

## PADRE ROLIM BOM DE BOLA

E Zé Rolim não perdeu a vocação por ser um craque no futebol, ele, o Padre Murilo e, menos excelente, o Padre Samuel (Samuel Barros). Do Padre Murilo (Murilo Domingues da Silva, hoje professor aposentado da Universidade Federal de Pernambuco), ouvi que, em São Paulo, quando estudantes de Teologia, os rapazes da Lapa foram jogar contra os juvenis do Palmeiras, e aos dois – Zé Rolim e ele – foi oferecido contrato profissional com o velho Palestra Itália, desde que deixassem a batina. Nem por isso o futebol os perdeu.

O futebol foi, talvez, a habilidade de Zé Rolim que mais o terá tornado humano perante a nossa memória. Posso dizer, aliás, que os nossos melhores momentos no Recife aconteciam quando os aspirantes jogavam contra os Maiores do Internato, e nós alcançávamos a graça de sairmos do confinamento para irmos ver Zé Rolim e Murilo anteciparem a “tabelinha” que depois consagraria a dupla Pelé-Coutinho. (Reconheçamos que os padres tinham algum *handicap* sobre os atacantes do Santos: calçados de tênis, enquanto os demais jogavam descalços, eles enrolavam a bola na batina e rompiam caminho para o gol do adversário, levantando a areia do campo (hoje cercado, coberto de grama e encurtado para ceder espaço à piscina olímpica que aí se construiu).

E, como todo apaixonado por sua arte, o meia avançado dos Salesianos não gostava nem um pouco de alinhar-se entre os perdedores. Uma vez, num jogo contra os Maristas de Apipucos, os Aspirantes apanhavam de goleada (5 x 1, se estou bem lembrado). A bola saiu fora de campo. O juiz apitou e disse:

– Lateral.

Zé Rolim irritou-se porque um seu parceiro perdia tempo sem entender a palavra “nova”, e gritou ao outro, para todos ouvirem:

– “Lateral” é “Fora”, sua besta!

Sebastião Moreira – Do livro: Ação Fraterna Salesiana: 25 anos

## **PADRE JOSÉ ROLIM E PADRE LEONARDO DONNO**

Padre Leonardo Donno era um grande pastoralista e exercia essa função como catequista no colégio com os alunos externos e com as comunidades rurais da paróquia. Seus sermões faziam tremer as classes privilegiadas da cidade. A teologia da libertação tinha apenas um ano, mas não era a pupila dos olhos dos salesianos. Tinha profunda identificação com o homem do campo. Lembro que certa vez, de noite, reuniu cerca de 50 homens (e só homens) do campo numa sala da escola salesiana de Carpina. Padre Dono fazia palestra para eles e Pe. Rolim e eu escutando do lado de fora da sala. Em sua fala enaltecia as virtudes do homem do mato (campo). A uma certa altura, ele afirmou: “Quando eu e o Padre Rolim vamos ao mato, voltamos de lá envergonhados”. Nós dois caímos numa gargalhada escandalosa maldando as palavras do padre; a expressão “ir ao mato”, no sertão, significa fazer as necessidades.

(Episódios de um directorado – Luiz Moura – Livro da AFS – Aspirantado Salesiano: 50 anos)

## **PADRE LEONARDO DONNO**

Como catequista dos alunos externos, conta-se de Pe Donno o seguinte caso: Os alunos, no recinto escolar não podiam fumar; Pe. Leonardo soube que alguns alunos se afastavam e iam fumar lá pelos cantos do muro. Num “bom dia” reuniu os alunos na igreja e, em certo momento fez a seguinte admoestação:

– “meus caros jovens quero lhes dizer que nesta escola, o fumo está entrando; o fumo está entrando”.

Nem precisa dizer que o que se via na Igreja eram os jovens alunos contendo o riso com as mãos na boca mal dando as palavras do padre: “o fumo ta entrando”.

Eu sou obrigado a dizer que este 2º ano de assistência foi o melhor de minha vida salesiana.

Luiz Moura – Livro da AFS – Aspirantado Salesiano: 50 anos

## IRMÃO COADJUTOR JOSÉ OLIVEIRA PRIMO

Na convivência com ele há muitos fatos pitorescos que continuam bem vivos em sua memória e na nossa também. Passo a narrar alguns.

A comunidade salesiana de Carpina foi a Natal para um de seus passeios comunitários; já acomodados, resolvemos ir à praia do Morro do Careca mas antes disso tinha que providenciar um calção para o “seu Zé e essa tarefa sobrou para o diretor; eu e “seu Zé” pela ruas de Natal, de loja em loja à procura de um calção que fosse capaz de comportar aquele barrigão que o impedia de ver a ponta de seus próprios pés; desanimado da tarefa compramos o maior calção oferecido por uma daquelas lojas especializadas em roupa de banho. Depois dessa missão nos juntamos aos demais e fomos para a praia. Na água o “seu Zé” ficava mais reservado na parte rasa; os demais avançamos um pouco mais. De mais distante, a gente contemplava uma cena inusitada: quando José se dobrava, se descuidava e, de longe se visualizava algo como um morcego que se dependurava por entre suas pernas. O grupo não se continha de tanto rir; não havia jeito e novamente sobra para o diretor que, com delicadeza e com jeitinho vai arrumar o “Zé”. No retorno para a comunidade salesiana de Natal, paramos para tomar um sorvete em uma das praças da cidade já próximo ao Colégio São José. A moça atendente, interessada em saber que tipo de sorvete se quer, pergunta ao Zé:

– O senhor quer com cobertura ou sem cobertura?

De imediato e sem titubear, Zé respondeu:

- “Eu não estou com frio pra querer com cobertura?!”

Desde aquele dia a gente abusa o “Seu Zé” por causa dessa história.

Luiz Moura – Do livro: Ação Fraternal Salesiana: 25 anos

## **PADRE MANOEL ALVES DOS SANTOS**

Padre Manoel era radicalmente avesso, conforme afirmava constantemente, a comunista e protestante. Não os poupava, mas não deixava de ter uma palavrinha de “conversão” quando conversava com um deles.

Nos idos de 1974, então capelão do Hospital de cirurgia, na capital sergipana, às vésperas das eleições, insinuava às enfermeiras e aos pacientes, a negação do voto às pessoas dessa “estirpe” (protestante e comunista).

Passadas as eleições, em conversa informal, um ou outro salesiano da comunidade dizia em quem votou para a Assembleia estadual (as eleições eram só para deputados e senadores). Com a simplicidade própria, Padre Manoel quebrou o sigilo da cabine eleitoral, dizendo ter votado em Dr. X, um médico muito consciente daquele nosocômio. A risada foi geral e qual não foi a reação do Padre Manoel quando soube, na hora, que o ilustre Dr. X era um pastor de uma das igreja batistas de Aracaju...

Robério Moraes – Do livro: Ação Fraterna Salesiana: 25 anos

## DE NOVO PADRE MANOEL ALVES

De outra feita, também em Aracaju, onde por três etapas trabalhava como diretor do oratório festivo e capelão do Hospital das Clínicas “Dr. Augusto Leite”, aconteceu um fato interessante:

Numa das tardes de maio, na capelinha do hospital, Padre Manoel oficiava uma das belíssimas novenas em honra à Virgem Maria, com todo o requinte litúrgico da época d’antes do Vaticano II. De quando em vez se excedia em bons minutos no sermão, especialmente quando empolgado, citava latim, francês e italiano com seus dialetos, máxime o do Piemonte, como bom filho de D. Bosco. E naquela tarde, as horas iam se passando e, devagarzinho aos poucos, pacientes-fieis e enfermeiras iam saindo de pé-ante-pé, restando, no final da função, a irmã sacristã e três matronas da sociedade – (longe de ser as irmãs cajazeiras de Sucupira do “Bem-amado” de Paulo Gracindo) - que no fim de tudo se dirigiram até à sacristia para beijarem reverentemente as mãos do neo-Vieira em seus sermões....

Mas para desencanto do pobre padre Manoel, na hora dos agradecimentos pela insistência em ficarem elas até o fim constatou que duas das “ouvintes” eram surdas e a terceira sofria de mouquidão e naquela tarde esquecera em casa o aparelho que usava no ouvido esquerdo...

A irmã Jolenta deu uma respeitosa risada, às escondidas, e foi apagar as velas do altar...

Robério Moraes – Do livro: Ação Fraterna Salesiana: 25 anos



## “ESSE PADRE TANTO CELEBRA QUANTO JOGA”

Nos idos de 1976 ou 77 em Juazeiro do Norte, quando trabalhava em Juazeiro como coordenador da pastoral, aconteceu um encontro vocacional para os alunos do Colégio Salesiano que contou com a participação da coordenação geral da Pastoral inspetorial. Para isso vieram de Recife para Juazeiro, os padres Ivan Teófilo e Benevides Gurgel. Cada um teve participação efetiva no encontro.

Esse encontro aconteceu numa antiga casa salesiana, um antigo pré-aspirantado em Juazeiro – São José dos Bodes – era assim conhecido, por onde passaram vários salesianos como pré aspirantes ou mesmo como salesianos; hoje nessa obra funciona uma casa de ‘menores infratores’.

O encontro vocacional teve a duração de 03 dias e foi finalizado com uma bonita celebração eucarística presidida pelo Pe. Benevides. Muito inspirado, o celebrante causou muito boa impressão nos jovens participantes.

Ficou acertado que nesse mesmo dia de final de encontro, haveria uma partida de futebol de salão na quadra do colégio, por volta das 7h00 da noite.

O Pe. Benevides parecia endiabrado com a pelota nos pés; tudo que fazia dava certo; os passes saiam na medida; um pipoco da intermediária, chute de Bené, a bola encontrou as redes, como um limão. Gooooool

E daí, uma voz ecoou na arquibancada: esse padre tanto celebra quanto joga.

Bené gostava quando eu saía contando esse fato por aí; claro na presença dele e dos ouvintes admiradores do seu jeito salesiano de ser.

## PADRE ALFREDO TENÓRIO

Pela nossa inspetoria do nordeste passaram vários salesianos que deixaram marcas de uma vivência toda própria, inimitável.

Entre esses destacamos o Padre Alfredo Tenório – o bom irmão – celebre autor da “mala de rodas” que mexeu com toda a Inspetoria, durante o sexênio de um dos grandes inspetores que por aqui passou: Pe. Guido Barra, o “altão”, como Padre Tenório o chamava. Tal epíteto dado à pobre mala se deveu às inúmeras e repentinas mudanças do pessoal quando do término do ano escolar.

De entomólogo requintado a simples cultivador de hortaliças de canto de muro, Pe. Tenório se celebrizou pelo seu espírito alegre, compreensivo mas sobretudo crítico. De uma crítica fina, sutil, inteligente, longe de desdoirar sua alegria que sempre lhe foi peculiar.

Ele sempre estava no meio do pátio nas horas do recreio e era uma graça ouvir o Pe. Tenório trocar o nome de tudo e de todos: “doutora” para as pobres enfermeiras dos hospitais onde sempre foi capelão; “Almeido” e não Almeida, porque era nome de “homem”; “Desastre” Mariz e não Dinarte Mariz, político norte-riograndense; Robério “Galhos” e Não Robério Ramos, e assim por diante.

Na época da política recolhia os panfletos pregoeiro das “plataformas” eleitoreiras... “Uma bandeira de Honestidade”. Anunciava um dos candidatos a candidato. O Pe. Tenório guardava a propaganda, dizendo entre os dentes: “é com este que eu vou...” E como estamos num ano de política, e sendo o Pe. Tenório um expert em avacalhar a “coisa”, dizendo que o “político brasileiro é o campeão dos velhacos”, vamos atentar para um fato hilariante. Quando de sua estada em Cajazeiras, alto sertão paraibano, onde o “fute” andava fazendo das suas, o Pe. Tenório saudava a todos – era véspera de eleições – com seu tradicional “bom dia” ou “boa tarde” “seu candidato”..... e imediatamente o pobre varredor ou bodegueiro se esquivava dizendo: “mas.... seu padre, eu não sou candidato” ao que o Pe. Tenório se desculpava:”ora, ora, são tantos os candidatos que não se sabe quem é ou quem não é...” E

saia de guarda-chuva aberto, em pleno sol do dia...

Na segunda metade da década de 50, fervia a política na Paraíba. Os comícios em Cajazeiras, eram uma mistura de promessas de candidatos e lances de uma galinha assada, pós-oratória, nos leilões ALEGRIA de tantos quanto nas praças se deleitavam com as campanhas. Pois bem, numa daquelas noites, saí com um grupo de internos, uma referência especial do saudoso Pe. Natal Griglio aos pobres estudantes, para assistir a uma dessas festas, que somente a política nos oferece, justamente à chegada do candidato a senador da Paraíba, o Sr. Ruy Carneiro (Ruim Carneiro, como chamava o Pe. Tenório) para um comício monstro.

Entre aplausos e foguetórios, surge um carro chapa branca (a gasolina naquela época era liberada aos tanques dos Aero-willys, últimos modelos da indústria automobilística). A porta traseira do carro se abre, e, eis que senão quando (expressão própria do Pe. Orsini), aparece por incrível que pareça entre os componentes da “caravana”, o Pe. Tenório todo sorridente. Aproveitara a carona pois estava em João Pessoa naqueles dias, naquelas circunstâncias. Como arranjou tal façanha, Pe. Tenório não disse o segredo a ninguém...o ilustre leitor que conheceu o distinto viajor, tirará suas conclusões...

No dia seguinte bem cedo, Pe. Tenório se dirige à sua capelania e encontrava com o agente da ferrovia local. Após as saudações de praxe inicia-se um diálogo:

– Então seu “agente”, que me diz do comício de ontem? Que tal o Sr. RUIIM Carneiro... (espanto do chefe da estação), isto é Sr. Ruy Carneiro?

– Ora, Padre, esse Ruy Carneiro não serve. O homem não sabe nem falar... e não diz nada.

– Possível, retrucou ironicamente o Padre Tenório; não sabe falar? Pois ontem viajei com ele e no carro eu falava com ele e ele falava comigo.

Robério de Moraes Ramos – Do livro: Ação Fraterna Salesiana: 25 anos

## O CAVALO ESTÁ MIJANDO NO PÓRTICO

Mil novecentos e sessenta e cinco. Ano inesquecível do nosso Noviciado em Jaboaão-Colônia. Certo dia estávamos no refeitório, naquela horinha exata da leitura formativa. Tudo era silêncio... Somente a voz do leitor ritmada ao tintilar dos garfos e muita disciplina. De repente, uma voz externa quebra o silêncio. Era o Padre Manoel Ramos que vinha da roça do “Seu” Marcos, trazendo sobre a cabeça um balaio de feijão verde. Indignado grita forte: “Êi, meninos... noviços... Não estão vendo? O cavalo está mijando no pórtico!” Àquela altura, o leitor e todos os noviços não tinham como controlar o riso. A solução foi um “Tu autem Domine miserere nobis!”

Enquanto isso o noviço Pereira Filho toma a iniciativa, deixa o prato sobre a mesa, dá de garra de um balde com água, roldo e pano de chão e limpa o ambiente. Em seguida deve ter dado um “conselho” ao cavalo para nunca mais fazer isso!

Pe. Valdemar Pereira  
Juazeiro do Norte-CE

## AS BOAS DE PAULO DIAS (SALESIANO NO FINAL DA DÉCADA DE 60)

### DESOBEDIÊNCIA

Fazia eu noviçado em Jaboaão nos idos de 1969 e o Pe. Antonio José de Carvalho era meu mestre de noviço. Um belo dia ele me perguntou que livro eu estava lendo e eu lhe respondi que nem um especificamente. Então, ele me emprestou um livro do Pe. João Mohana intitulado “A vida sexual dos solteiros e casados”, com a recomendação de que eu só lesse a primeira parte, ou seja, apenas a que se referia aos solteiros. Peguei o livro com extrema ansiedade e o li no mesmo dia. Você quer saber por qual parte eu comecei? Exatamente. A curiosidade foi tanta, que comecei a ler o livro pela parte proibida: a segunda parte.

### ARREPENDIMENTO

Ainda hoje eu me arrependo de não ter me aproximado mais daqueles professores dotados de invejável cultura e experiência pessoal. O problema era que devido á minha timidez, eu achava que se o fizesse, estaria sendo inconveniente. Assim mesmo, após o jantar, caminhei muitas vezes com D. Lustosa, ouvindo e aprendendo dele muitas lições de vida e estórias interessantes.

### GENTILEZA

Estávamos certa vez no grande corredor, na fila formada para o almoço, esperando para entrar no refeitório. Para implicar com o colega que estava à minha frente, eu o chutava de leve no calcanhar, na certeza que ninguém estava vendo e que ele, por sua vez, não poderia reclamar, porque estávamos todos em silêncio.

Nisso, o Pe. Benevides, que vinha passando atrás de mim e eu não o havia visto, cochichou no meu ouvido: “Como você é gentil” e continuou indo para o refeitório. Quase morro de vergonha.

## O CÓDIGO DA PATENA

Como não tínhamos como nos comunicar com as moças que assistiam a missa aos domingos na nossa capela, inventei um código secreto para as que me chamavam mais a atenção, a fim de olhassem para mim: quando eu era escalado para ajudar na missa, ao chegar a hora da comunhão, passava discretamente a patena no pescoço das donzelas mais exuberantes. Normalmente conseguia o meu intento. Só que um belo dia alguém percebeu e me chamou a atenção.

## MEDO DE CEMITÉRIO

No dia 02 de Novembro todos os aspirantes eram obrigados a fazerem visita ao cemitério da cidade. Como eu tinha medo de alma e de cemitério, falei com o meu assistente, expliquei o meu problema e pedi que me dispensasse daquele tipo de visita. Não consegui a minha liberação. Como não tinha outra opção, apliquei o “plano B”: tranquei-me no banheiro, esperei que todos saíssem e assim me livreii do lúgubre passeio.

Paulo Dias – Do livro: Ação Fraterna Salesiana: 25 anos

## PADRE ARISTIDES E PADRE ÉMERSON

Fazíamos parte da mesma comunidade salesiana do aspirantado salesiano de Carpina, Eu (Luiz Moura, diretor da comunidade), Pe. Mário Daorizzi, ajudante de tesouraria, Pe. José Rolim Rodrigues, pároco da matriz da cidade, Sr. José de Oliveira primo, porteiro, Pe. Émerson José de Melo, ecônomo da casa, Pe. Aristides Jorge Pereira, encarregado dos aspirantes e também do externato ou seja, da Escola Salesiana Pe. Rinaldi, onde também estudavam os aspirantes. Pe. Aristides era carinhosamente chamado de ‘companheiro’ costume que permanece até hoje, entre nós amigos seus. Pe. Émerson era conhecido por seu gênio forte, mas amigo de todos, amizade que perdura até hoje entre seus ex-alunos daquela época, fato que se constata nos encontros freqüentes que se realizam atualmente.

Certo dia, no momento da refeição, mais precisamente na hora do almoço o assunto sai do normal e Pe. Émerson reclama alguma coisa de Pe. Aristides, sob o olhar atento de todos os salesianos. Pe. Aristides não gostou e a discussão continuou em meio ao silêncio, chegando ao extremo.

A um dado momento, Pe. Émerson, já exaltado chama Pe. Aristides de ‘fresco’ ao que Pe. Aristides revidou: ‘vá chamar sua irmã!’ e Pe. Émerson continuou: ‘se eu for chamar minha irmã você vai ficar todo se tremendo’

Diante da situação, o diretor bateu a campainha, todos se levantaram e entoou a oração de agradecimento após a refeição.

Tudo terminou assim: após o acontecido o diretor ficou conversando a sós com Pe. Aristides e de repente chega mansamente Pe. Émerson e com a ponta do dedo começa a tocar as costas de Pe. Aristides, dizendo: companheiro! Companheiro! Companheiro!

E o riso foi geral entre os três.

Luiz Moura

## PADRE GUIDO TONELOTTO E O QUEIJO ‘PODRE’

Certo dia o Padre Diretor o Guido Tonelotto, ganhou da Itália ou da França, não se sabe bem de onde, um pacote de mais ou menos um quilo, embrulhado num papel laminado. Entregou a Seu Mané. Recomendou que ele tivesse muito cuidado. Seu Mané, matuto mais que obediente, e sem muito entender o porque da recomendação, guardou aquele negócio na prateleira mais alta, bem acima onde ficava a prateleira das goiabas. Todo dia nós perguntávamos a Seu Mané, que negócio meio “brilhoso” era aquele. E ele sempre dizia que era uma coisa que o padre Diretor tinha ganhado “dos estrangeiro”. Cada dia, chegava um colega curioso perguntando sobre aquele misterioso pacote. Passados uns oito dias, e de tanto ser aperreado por aqueles menores insistentes, Seu Mané, resolveu dar uma espiada no tal pacote. A esta altura estava arrodado por muitos de nós. Na medida que ia desembulhando o pacote, um cheiro forte ia entrando em nossas narinas. Seu Mané já fazendo careta de nojo, amolegava o negócio e via que estava meio amolecido. Criou coragem e com os olhos cada vez mais arregalados, abriu todo o embrulho. Nós engulhando e ele também. De repente coçou a barba e exclamou: –“Vige Nossa Senhora né que os bicho das goiaba entrou no pacote do Diretor?” Tranqüilizado por alguns colegas, resolveu jogar aquilo fora antes que o Diretor soubesse. Fomos em procissão levar para os porcos..Imagine o bafafá no outro dia. O Diretor querendo explicação sobre seu “gorgonzolli.” e .Seu Mané tentando explicar, que “tava assim de tapuru.” Certa feita, escrevi uma crônica sobre este episódio “Seu mane e o queijo italiano. Encontra-se ainda inédita.

José Paulino da Silva – Do livro: Aspirantado Salesiano: 50 anos

OBS: No livro há duas narrativas desse fato: uma feita por José Paulino da Silva e outra feita por Sebastião Moreira Duarte; escolhemos a de José Paulino por ser mais completa, engraçada e mais popular



## PEDRO LAPO

Pietro Lapo, padre salesiano ainda neste 2009, chegou no final de 1961 com o coadjutor Renato Locatelli, grande alfaiate, que costurava os ternos de toda a inspetoria e as batinas, incluindo as minhas duas primeiras, uma preta e outra bege (Será? Sou daltônico). Este jogava futebol conosco, de calça comprida, tênis com meias italianas grossase camisa de manga comprida. Muito adequado ao clima! Padre Rolim o chamava de Trapattoni. Quando chegou, ainda estavam em Carpina Seu Ricardo, Seu Odilon, Seu Silvestre e Seu Alípio. Quanto perguntou a um dos clérigos “comme si chiama quello”? Era a terrina com munguzá, num domingo. Ensinararam que era “penico”. Então ele dirigiu-se a quem estava mais próximo da terrina – quase certo que era nosso querido diretor, o Padre Antônio José de Carvalho.

– Per favore, passare il penico.

E todos riram gostosamente!

Em 1962, o grandalhão Pedro Lapo assumiu a disciplina Desenho na minha turma, segundo ano, e, na ausência do Padre Ângelo Spadari, que foi para o norte do Brasil, onde se consagrou como “milagreiro” ao apontar o lugar preciso para poços artesianos com o sistema de radioestesia, assumiu as disciplinas de Física e Química nas séries finais.

Houve um ano em que ocorreu uma semana de ciências, e ele foi fazer demonstrações químicas. O local era naquele pátio, em quadrilátero, exatamente junto do pórtico do refeitório dos superiores. Quase perde uns dedos. O processo era bater com um martelo sobre uma substância que explodiria. Antes, porém, que tal acontecesse, muitas marteladas houve e cabeças de dedo, dele evidentemente, foram-se. Muitas foram as risadas provocadas pelo desajeitado ‘arquimedes’.

Foi Pedro Lapo quem tornou famoso, na Itália, Valdemar Pereira dos Santos, Doutor Valdemar, depois que assumiu a

enfermaria em lugar de Rondon Ferreira de Andrade, concluinte do sexto ano, hoje Padre Rondon, desde 1972. Explico: Valdemar é escuro de cabelos bem lisos, o que impressionou Pedro Lapo: como pode um ‘negro’ exibir cabelos lisos? Então, haja fotos e fotos do ‘galego’ Valdemar, enviadas à Itália como curiosidade deste país multicolorido, multirracial, multiacolhedor.

Francisco Felipe Filho – Do livro: Aspirantado Salesiano: 50 anos

## NOSSA SENHORA SUBIU OU NÃO AOS CÉUS?

A congregação religiosa dos padres salesianos de Dom Bosco denomina de aspirantado suas casas de formação. Na cidade pernambucana de Carpina se situa um destes aspirantados. Bela e imponente construção que fica a poucos metros da rodovia que liga Recife às zonas da mata e do agreste. Faziam parte do dia a dia destas casas, orações, estudos, trabalho braçal, ensino de música, de artes cênicas, atividades esportivas. Tudo dosado com muita disciplina. Muita fraternidade. O saber e o fazer eram duas faces da mesma argamassa que envolvia a formação daqueles jovens aspirantes à vida religiosa sacerdotal. Se o estudo das matérias escolares era muito levado à sério, a formação religiosa também era intensa. Adredemente forjada através de pregações, do estudo da religião católica, da história sagrada, do catecismo, dos dogmas, da vida dos santos. Tudo regado com muita reza..Uma das práticas para reforçar esta seriedade consistia na obrigatoriedade dos alunos da quarta série ginasial discorrerem sobre um tema da mariologia a cada noite do mês de maio.Momento muito esperado por todo o aspirantado. Os oradores se preparavam meses antes. Os temas eram definidos ou melhor sorteados em janeiro. O temário em sua maioria, tratava de assuntos relacionados com a ladainha de Nossa Senhora. Por exemplo, por que Rainha dos Apóstolos, Auxiliadora dos Cristãos, Mãe de Misericórdia. Enfim qual a história de cada invocação ou dogma relacionado à mariologia?

O cenário era o mais circunspeto possível. Após o recreio da noite, todos os aspirantes se perfilavam em frente a uma bela estátua de Nossa Senhora Auxiliadora, esculpida em mármore de carrara, que ficava no meio do pátio central a uns dez metros de altura. Uma das noites mais esperadas, foi aquela em que o orador era um jovem aspirante baiano. Corinto. Boa pinta, mais fama de bom falante do que de bom orador. Inteligência bem acima da média da turma, que por sinal possuía algumas estrelas

que se destacavam em todo o aspirantado. Figura que apesar de não gozar da fama de engraçado, era um pouco chegado a cômico. Não era entretanto o tipo palhaço como existia em outras turmas, desses que bastava dizer qualquer coisa para todos caírem na risada. Não, o orador da noite não gozava desta fama. Entre seus pares podia-se dizer que era mais piadoso do que piedoso. O tema a ser dissertado apesar do assunto, não comportava leveza nenhuma. Assunção de Nossa Senhora. Assunto bonito que certamente permitiria arroubos de oratória, análise teológica, incursões pela história de outros dogmas marianos como o da virgindade antes, durante e depois do parto. Tema complexo que exigiria do orador muita didática na explanação. Era um sábado de maio muito concorrido pelos fieis que vinham participar do mês mariano e da benção do santíssimo que acontecia todas as noites. Findo o recreio, todos ao local onde aconteceria a louvação ante a linda estátua. Loa entoada: “Auxiliadora virgem formosa, dos pequeninos mãe dadivosa.”. O orador da noite subiu os degraus que embasava o monumento. Olhou por alguns segundos a platéia que se achava num silêncio misterioso sob a luz de um grande holofote que iluminava toda a área. Deu uns passos para um lado e para outro esfregando as mãos, propositadamente imitando o grande orador sacro Belchior Maia D’Athayde, que por sinal se encontrava presente. Gesto manjado por todos daquele ambiente. Começou sua peça oratória explicando que ia falar de um dogma.. Dissecou inicialmente a palavra dogma, indo às raízes gregas do termo. Explicou a diferença entre assunção e ascensão. E ainda comentou que não se confundisse acender com c e ascender com sc. Fez uma digressão com a palavra incenso cuja fumaça ascende aos céus depois que é aceso. Poucos entenderam a quase piada que fez um padre velho balançar a cabeça em forma de desaprovação. Explicou que a ascensão de Jesus foi por merecimento próprio. E que Nossa Senhora se foi assunta, o foi por merecimento de seu filho Jesus. Argumentou que se ela foi assunta, é porque deveria ter ressuscitado. Questionou por que não há registro sobre a ressurreição de Maria. Fez uma digressão para contextualizar a

época em que o papa Pio IX proclamou o dogma da Assunção. Delongou-se um pouco nos fatos históricos da Igreja na época. Sentiu que estava um pouco enrolado. De repente, fez uma pausa. Dobrou as folhas que estava lendo, respirou fundo, olhou para a bela estátua da Virgem Auxiliadora cujo rosto de mármore parecia esboçar um leve sorriso para aquele empolado orador.. Voltou-se para o público que instintivamente parecia se equilibrar numa grande vontade de rir. E num final inesperado, com gestos largos, com voz de tribuno exclamou:

– Mas afinal Nossa Senhora ressuscitou ou não ressuscitou? Subiu ou não subiu aos céus?

– Mais empolgado que nunca, o orador voltou-se para o público e em voz baixinha ele mesmo respondeu:

– Aí é que está o nó.

O respeitoso silêncio que pairava sobre todo aquele páteo desmoronou numa gargalhada. O responsável pela disciplina foi forçado a dar excepcionalmente mais 15 minutos de recreio antes de prosseguir as demais funções daquela memorável noite de maio.

José Paulino da Silva – Do livro: Aspirantado Salesiano: 50 anos

## EU DURMO COM VALDEMAR

Estamos na casa Pe. Rua, um anexo do Colégio Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, em Recife, por volta do ano de 1974 ou 75. Era onde morava a comunidade dos estudantes de Teologia da inspetoria, sob o comando do diretor Pe. Antônio José de Carvalho. Os estudantes eram alunos do ITER (Instituto de Teologia do Recife) que funcionava na Rua do Giriquiti onde hoje funciona o Shopping Boa Vista.

Surgiu um grande problema na comunidade: aumentou o número dos estudantes de teologia e não havia lugar para todos; os quartos eram individuais. E agora o que fazer?

O diretor, Pe. Antônio José de Carvalho reuniu a comunidade para buscar uma solução. Posta a questão pediu sugestão para os clérigos estudantes.

Israel, um estudante de teologia que nunca conseguiu concluir o curso por causa das constantes mudanças, sem titubear opinou:

– Eu durmo com Valdemar.

Imaginem a cara de espanto dos demais colegas estudantes. Pe. Antônio José continuou: então se pode colocar mais uma cama no quarto.

Israel retrucou:

– Não! Uma cama só

Mais espanto por parte dos colegas.

Israel explicou:

– Sim porque na hora que eu vou dormir Valdemar já está se levantando

Luiz Moura

## AS ESQUETES DO JOB I

### A ÚLTIMA CORRIDA

Vendedor de ingressos – Alô, alô, atenção! É hoje a última corrida da Égua Relâmpago, uma égua supercampeã: nunca perdeu uma corrida. Não perca. Compre seu ingresso e venha assistir esta sensacional corrida. Aproveite! Os ingressos estão findando e a hora está chegando. Vamos apostar na égua supercampeã.

(Chega um, dá o ingresso e entra. Chega o malandro 1 e entrando de mansinho)

Porteiro – Ei, o ingresso!

Malandro 1 – Deixe eu entrar. Eu estou liso, mas não posso perder essa corrida.

Porteiro – Não.

(Entra o malandro 2, com um saco)

Porteiro – E você?

Malandro 2 – Eu vou levar capim para a Égua Relâmpago.

Porteiro – Entre!

(Vem outro, compra o ingresso e o malandro 1 pede) Amigo, me dê um ingresso!

Outro – Não. Eu só posso comprar o meu.

Malandro 1 – Então monte nas minhas costas; eu sou seu burro (E assim o fazem)

Porteiro – Você entra mas o jumento fica fora.

Malandro 3 – Eu sou irmão

Porteiro – Da Égua?

Malandro 3 – Não. Da dona da Égua.

Malandro 4 – E eu sou o pai.

Porteiro – O pai d’égua?

Malandro 4 – Não. O pai do dono da Égua.

Porteiro – Eita Égua prá ter parente!

(Vem mais um)

Porteiro – E você quem é?

Malandro 5 – Eu sou o jóquei que monta na Égua Relâmpago

Porteiro – Atenção! O jóquei da Égua já chegou. Vamos fechar o portão. Quem não entrou não entra mais.

(O malandro 1 desesperado, fica de quatro pés, rincha, dá coice e entra dizendo

Malandro 1 – Eu sou a Égua Relâmpago.

Porteiro – Ei, péra, não entra. Não tem mais jeito!



## AS ESQUETES DO JOB II

### O ESPELHO

Ariosvaldo – (procurando numa mala) Minha mãe dizia que tinha guardado uma lembrança do finado meu pai. Ela morreu e eu nunca vi essa lembrança. O que será? Agora eu acho. (Olha lá fora). A sogra e Marieta estão na cacimba lavando roupa. Nem tão cedo vem... (Encontra um espelho na mala e vê o próprio rosto) Achei. É uma pintura do rosto do meu pai. É bonito. Minha mãe dizia que ele faleceu com 42 anos. Eu tinha um ano. Cabelos brancos.. pelo jeito ele estava perto dos 80 anos mas não deixou de ser bonito. Meu paizinho (abraça e beija o espelho).

Marieta – (Entra com uma trouxa de roupa na cabeça) – O que é isso Ariosvaldo? O que é que tu beija e abraça com tanto afeto?

Ariosvaldo – É a lembrança do meu Pai, que meu Pai falava. – É uma pintura do rosto dele. Eu vou guardar com muito carinho. (Beija e abraça o retrato). Meu paizinho!

Marieta – Cadê? Deixa eu ver. Eu também nunca vi meu sogro. (Pega no espelho e vê o próprio rosto). Mentiroso! Isso é o rosto de uma mulher... e tu querendo me enganar! Essa perua... é a tua amante. Eu sempre te respeitei e tu fazendo isso comigo. Fingido! (Chora).

Sogra – (entrando) O que aconteceu, Marieta? Por que estás chorando?

Marieta – Esse fingido está me traindo com essa descarada! (Entrega o espelho à mãe. Ela também se vê no espelho e esculhamba o genro)

Sogra – Imbecil! Minha filha tão linda e tu traindo ela com essa cara de maracujá seco! Parece uma bruxa. E tu a queres trocar por Marieta? Estás cego? Vem olhar direito (Ele vai. Marieta também. Os três se veem juntos no espelho e descobrem o segredo, admirados)

Ariosvaldo – A sociedade moderna inventa cada coisa! Pois não é que todo mundo se revelou olhando para esse bichinho?

Job Gonçalves – Do livro: Ação Fraternal Salesiana: 25 anos

